

O OLHAR DAS CRIANÇAS DE DIFERENTES LOCALIDADES SOBRE A LITERATURA: O INTERCÂMBIO COMO SUPORTE DA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO.

Alessandra Maia Lima Alves¹
Denise Rangel Miranda²

RESUMO

Esse relato de experiência destacam as práticas de alfabetização e letramento, consideradas como direito das crianças. Essas foram desenvolvidas através de intercâmbio de leituras de literatura entre alunos da EI e 1º ano do EF de uma escola rural da rede municipal de Juiz de Fora e os alunos do 1º ano do EF do CAP. João XXIII/UFJF. Partimos da premissa de que leitura e a imaginação abrem “as portas do mundo”. As ações dessas práticas foram alicerçadas pela literatura, troca de impressões escritas sobre os livros trabalhados, trocas de correspondências, vídeos, apresentações teatrais e de relatos de atividades lúdicas das áreas urbanas e rurais. O intercâmbio entre as comunidades foi efetivado por encontros presenciais. O objetivo principal foi ouvir o que as crianças tinham a dizer sobre os livros trabalhados, a partir de atividades concretas de leitura e escrita, numa tentativa de trabalhar a partir do que preconiza o letramento, onde práticas sociais efetivas são trazidas para a sala de aula, tornando a alfabetização um processo de aquisição não apenas do sistema de escrita, mas dos meios culturais disponíveis na modernidade. Acredita-se que esse projeto contribuiu para as interações e inter-relações entre as crianças, através das propostas que foram concretizadas, ampliando as experiências de mundo a partir de um currículo que priorize que as crianças de diferentes realidades socioculturais estejam em diálogo, trocando suas experiências e os sentidos que atribuem ao que vivem no seu cotidiano. Dessa forma, as práticas de leitura e escritas são significativas para as crianças.

Palavras-chave: Intercâmbio Literário; Alfabetização; Letramento.

INTRODUÇÃO

“Escrever, eu já andava rabiscando mesmo antes de entrar para a escola. Escrevia nas paredes do galinheiro, no cimento do tanque ou no passeio da rua. Arranjava um pedaço de carvão, de tijolo, de caco de telha, pedra de cal. Minhas irmãs me pediam para traçar amarelinha no quintal. Eu caprichava. Usava uma vareta de bambu sobre a terra batida. Além de fazer as casas bem quadradas e certas, ainda escrevia os números e as palavras céu e inferno. De tanto as meninas pularem em cima, as palavras se apagavam, aos poucos, mas escrever de novo não era sacrifício para mim. Comecei a escrever um nome feio e pequeno, por onde passava. Descontava minha raiva na parede da igreja ou nos

¹ Professora Doutora do Colégio de Aplicação João XXIII da Universidade Federal de Juiz de Fora – MG, alesandramaia@bol.com.br

² Professora Doutora da Prefeitura Municipal de Juiz de Fora denisermoliveira@yahoo.com.br

muros do cemitério. Escrevia na maior rapidez. Meu irmão, José, ia atrás arrumando minha indecência e desrespeito. Crescia em mim uma inveja grande de sua inteligência. Ele puxava mais uma perninha no u e fazia uma voltinha em outra perna e virava e. Então ele botava um acento, e pronto! A palavra feia e imoral se transformava na palavra “céu”. (BARTOLOMEU CAMPOS QUEIRÓS, 1997).

A citação que abre este trabalho ilustra o que comumente acontece em diferentes contextos sociais: mesmo antes de frequentar a escola, as crianças já participam de situações em que a linguagem escrita é presença constante, seja numa brincadeira, na placa com o nome da rua onde mora, na receita do bolo da vovó, nas instruções de seus jogos preferidos. Em suas brincadeiras e experiências, o menino Bartolomeu, assim como tantos meninos e meninas, se vê imerso num mundo onde as palavras escritas carregam possibilidades, significados, emoções e cores, e despertam, nas crianças, a curiosidade e o desejo de pertencer ao universo daqueles que sabem ler e escrever. Ilustra, também, a capacidade infantil de desconstruir e reconstruir ideias e normas instituídas, numa clara percepção da realidade ao seu redor. E nesse trabalho³ imaginamos que seria muito rico se essas vivências fossem trocadas entre crianças de diferentes localidades (rural e urbana) potencializando o processo de alfabetização e letramento.

Mediado por esse pensamento, destacamos que o objetivo central desse trabalho de foi propiciar interações entre crianças de duas escolas de Educação Básica, uma da área rural e outra, urbana, com a finalidade de desenvolver a alfabetização e letramento a partir das trocas de experiências entre os alunos, tendo como fio condutor a literatura. Dessa forma, consideramos que o projeto contribui para o processo de aprendizagem da leitura e escrita ampliando as possibilidades de inserir as crianças no mundo letrado a partir de experiências significativas de leitura, escrita e produção de textos. Essa trabalho vem sendo desenvolvido desde ano de 2018 com a articulação do intercâmbio de leituras de obras de literatura entre alunos da Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental da escola rural da rede municipal de Juiz de Fora e os alunos do 1º ano do Ensino Fundamental do Colégio de Aplicação João XXIII da Universidade Federal de Juiz de Fora⁴.

Acreditamos que, ao ouvir o que as crianças tinham e têm a dizer sobre os livros trabalhados, a partir de atividades concretas de leitura e escrita, numa tentativa de trabalhar a partir do que preconiza o letramento em que práticas sociais efetivas são trazidas para a sala de aula, seja possível tornar a alfabetização um processo de aquisição não apenas do sistema

³ -Esse trabalho é fruto do projeto de Extensão Intercambi Literário: o que dizem as crianças da Universidade Federal de Juiz de Fora.

⁴ - Participaram desse projetos todos os docentes atuantes na Educação Infantil e primeiro ano do Ensino Fundamental do Colégio de Aplicação João XXIII, e da Escola Municipal Nagib Felix Curry, coordenadoras pedagógicas, direção geral, de ensino e bolsistas de treinamento profissional. .

de escrita, mas dos meios culturais disponíveis na modernidade. Acredita-se que esse trabalho pode contribuir para as interações e inter-relações entre as crianças ampliando as experiências de mundo a partir de um currículo que priorize que esses alunos de diferentes realidades socioculturais estejam em diálogo, trocando suas experiências e os sentidos que atribuem ao que vivem no seu cotidiano.

Além das trocas literárias que o projeto propicia, através de atividades via leituras, diálogos virtuais, trocas de cartas, bilhetes, vídeos e fotografias foram realizados encontros presenciais com as crianças. Inicialmente os 80 alunos da escola urbana foram à escola da zona rural e posteriormente os 50 alunos da zona rural passaram uma tarde no Colégio de Aplicação João XXIII. Nesses encontros as trocas de experiências representarão muito mais que práticas de leitura e escrita, se tornaram vivências de mundo. As crianças experimentaram momentos únicos e tiveram a possibilidade efetiva de experimentar conceitos e situações apresentados em sala de aula. Além de conhecer lugares diferentes de sua realidade. As crianças brincaram, aprenderam, dialogaram, trocaram experiências, se tornaram correspondentes em um clima de cooperação e respeito. Podemos afirmar, que a literatura representou muito mais que a leitura de livros, abriu portas para muitas possibilidades. Aquele olhar infantil para as coisas do mundo foram ampliados e compartilhados entre as crianças.

NOSSA PERSPECTIVA TEÓRICA DE TRABALHO

Neste intercâmbio literário damos ênfase ao papel da criança como sujeito ativo na aprendizagem. Para tanto, a ideia central é que os estudantes apontem e apresentem suas impressões sobre a literatura trabalhada na escola e possam interagir com crianças de outra escola pública. Corroboramos a ideia de Benjamin de que “é preciso trabalhar o aluno como uma pessoa inteira, com sua afetividade, suas percepções, sua expressão, seus sentidos, sua crítica, sua criatividade” (BENJAMIN, 1984, p. 5). Portanto, pretendemos uma interação entre as próprias crianças de sua escola e a interlocução com crianças de outra realidade.

Dessa forma, a opção desse trabalho é por uma participação efetiva das crianças de duas escolas públicas de áreas distintas, uma rural e outra urbana. A primeira está localizada no povoado de Penido, na área rural de Juiz de Fora. A segunda é o Colégio de Aplicação da UFJF, que tem um público bastante heterogêneo, com crianças oriundas de diversos bairros da cidade, assim como de cidades circunvizinhas.

Desenvolvemos propostas de trabalho conjuntas entre as instituições e, a partir dessas, promovendo o intercâmbio entre as crianças. Esse intercâmbio deu-se, num primeiro

momento, através de filmagens, onde as crianças trocaram entre si as impressões sobre os livros de literatura trabalhados e as atividades a eles relacionadas. Num segundo momento, as crianças registraram por meio de cartas, cartões, desenhos, vídeos, tendo um leitor mais proficiente como apoio na escrita, mas sempre desafiando as crianças a testarem suas possibilidades. A todo o momento os docentes das duas instituições se perguntavam: por que trabalhar com a literatura com crianças ainda não alfabetizadas ou no início do processo de alfabetização? Porque consideramos a literatura rica de sentidos para as crianças, que podem se relacionar com elas através da leitura ou contação da história feita por um adulto ou colega mais experiente.

É interessante destacar que na localidade rural as crianças não recebem cartas, os correios não atendem essa localidade. Dessa forma, não conhecem e não vivenciam essa experiência. As cartas que as crianças receberam foram uma grande novidade. Além do aprendizado relacionado à alfabetização, esse projeto amplia as suas possibilidades de conhecimento de mundo, como foi dito antes.

A literatura possibilita o despertar da criatividade. É arte, e como arte promove os sentidos e aguça a criatividade e a imaginação. A literatura proporciona o desvendar e a construção do próprio eu, ajuda a superar conflitos e a entendê-los.

Nesse sentido, Robledo apud Petit (2009) argumenta:

Para os cidadãos vivendo em condições normais de desenvolvimento, um livro pode ser uma porta a mais que se abre; para aqueles que foram privados de seus direitos fundamentais, ou de condições mínimas de vida, um livro é talvez a única porta que pode permitir-lhes cruzar a fronteira e saltar para o outro lado (PETIT, 2009, p. 75)

Dessa forma, a escola pública é lugar para o desenvolvimento integral do aprendiz. Nela é possível a troca com os seus pares e a experiência aí vivida pode alicerçar uma aprendizagem sólida e para toda uma vida. A partir desse pressuposto, concordamos como Kramer (1998) ao expor que

algo básico se perde na escola pública quando ela deixa de ser concebida e concretizada como escola de todos e se torna escola de pobres, identificada ainda como escola de baixa qualidade. Penso que são graves as consequências para a democracia e para a cidadania não termos hoje, na escola pública, todas as classes sociais e as diferenças que existem no plano da vida social. [...] é crucial o convívio das diferenças socioeconômicas, étnicas e culturais. (KRAMER, 1998, P. 13)

Dentro dessa perspectiva, esse intercâmbio literário possibilitou uma interação efetiva entre crianças de realidades diferentes, que tem algo em comum, são crianças na fase inicial

da alfabetização e estudam em escola pública. Escolas que podem fazer a diferença em suas vidas e constituir-lhes enquanto seres sociais e históricos.

Preocupamo-nos com uma alfabetização que conduza ao letramento, a práticas sociais de leitura e escrita. Dauster (1994) argumenta que

a alfabetização e a formação do leitor não podem resumir-se aos processos escolares, mas devem assentar-se sobre uma política cultural e uma prática cultural/comunicativa ampla, se desejamos formar leitores que não sejam simples decodificadores e identificadores do código, mas intérpretes que fazem da leitura uma prática criadora de sentido histórico e social. (DAUSTER, 1994, p. 75)

A leitura de sua realidade e a troca de experiências será enriquecedora para o seu contexto de produção, revelando aspectos concretos do seu cotidiano e propiciando o despertar para a leitura e escrita engajadas e com um real sentido atribuído. Como diz Magnani (1994)

Leitura não é um ato isolado e “virgem” de um indivíduo ante ao escrito de outro indivíduo. Supõe a decodificação de sinais e propõe a imersão no contexto social da linguagem e da aprendizagem, através da compreensão do discurso de outrem, ambos (leitor e autor) sujeitos – com suas respectivas histórias de leitura relacionadas às do texto – responsáveis por um trabalho de construção de significados de, com e sobre a linguagem. (MAGNANI, 1994, p. 102)

Portanto, a participação efetiva dos estudantes no processo garantiu o uso concreto e mais próximo possível da vida social para o aprendizado da leitura e da escrita, sendo elemento motivador como também mediador de uma aprendizagem significativa. As tecnologia foram nossas aliadas nesse processo. As crianças estão separadas por 40 quilômetro de distância e faziam trocas semanais possibilitadas pelo uso da internet, vídeos, e-mail, fotografias, entre outros.

METODOLOGIA E DESENVOLVIMENTO

Inicialmente, foram realizada trocas de impressões escritas, cartas, bilhete e cartão postal, sobre os livros de literaturas de literatura⁵ lidos nas duas escolas. Esses livros estavam relacionados ao projeto coletivo de trabalho “Minha Vida de Criança eu o ouro e o mundo”, uma proposta interdisciplinar de trabalho.

⁵ - **O Carteiro chegou** de Janet e Allan Ahlberg; **Só mais um minutinho** de [Morales Yuyi](#); **A ponte** de Eliadro Rosa; **A primeira palavra de Mara** de Angel Domingo; **Menina Bonita do Laço de Fita** de Ana Maria Machado; **Meu Pé de Laranja Lima** de Ruth Rocha ;**Marcelo, Marmelo, Martelo** José Mauro de Vasconcelos e a **Bolsa Amarela** de Lygia Bojunga; Quem mexeu no meu queijo: para crianças de Spencer Jhonson;

No primeiro encontro presencial as crianças do 1º ano do Ensino Fundamental do Colégio de Aplicação João XXIII foram a escola Municipal Nagib Felix Cury, na zona rural da cidade de Juiz de Fora. As escolas ficam aproximadamente à 40 quilômetros de distância. Uma novidade para muitas crianças. Durante o percurso brincamos, cantamos, observamos a paisagem, essa bem diferente das que estão acostumados. Uma criança, muito animada disse com todo orgulho: “É a primeira vez que viajo sozinha sem a minha mãe”. Momento rico para explorar localização e trajeto. Outra criança me perguntou, “lá é outro país?”, outra disse: “Eu nunca fui na roça” e um colega respondeu “eu já e sei fazer queijo, vou ajudar todo mundo”. São experiências novas que ampliam as possibilidades de reflexão. A foto a seguir representa um pouco esse trajeto.



Chegamos a escola por volta de 8 horas e foi uma festa. As crianças se abraçaram, puderam ver de perto o amiguinho que só viam por vídeos e fotografias por 4 meses. Fizeram um tour pela escola e foram vivenciar juntas, aproximadamente 90 crianças, um momento literário, com o livro o **Mistério do Bezerrinho Serelepe**. O livro tinha tudo a ver com a próxima atividade do dia, no qual as crianças conheceriam um “tanque de leite” rural, próximo a escola, que recebe o leite retirado dos sítios e fazendas daquela região. Foi uma descoberta para muitas crianças. Muitas perguntas surgiram quando chegaram ao tanque de leite, como: “esse leite todo é de uma vaca só? Esse leite é mesmo da caixinha? Para onde vai todo esse leite? Onde estão as vacas? O que se pode fazer com esse leite?” Ao final eles assistiram um curral e puderam ver de perto os animais. Na fotos a seguir estão representados três momentos: o literário e a visita ao tanque de leite.



A terceira atividade do dia foi realizar uma oficina de queijo artesanal com uma produtora local. As crianças tiveram a oportunidade utilizar o leite e transformá-los em um produto (queijo) de forma artesanal. O que parecia simples e natural para os adultos daquela realidade rural, para as crianças de ambas as escolas foi uma verdadeira descoberta.

Após a oficina as crianças fizeram um lanche coletivo e saudável. Elas compartilharam frutas, sucos, biscoitos. Cooperaram, brincaram e se integraram ainda mais. Ao término do lanche, foram brincar livremente no pátio da escola. A relação entre as crianças foi emocionante. Elas brincaram “melhores amigas pra sempre”, como disse uma criança. Ali existia uma única condição social, a de ser criança. A foto a seguir revela essa cumplicidade mencionada.



Nesse clima de brincadeira, as crianças fizeram mais um momento de leitura para produzir uma receita de “Bolha de Sabão Gigante”. Em equipe elas misturaram 7 copos de água, 1 copo de detergente de cozinha e 2 colheres de sopa de açúcar (ou 1 colher de sopa de mel). Misturaram tudo com delicadeza. A ideia era não se emocionar demais para não criar muita espuma, o que podia atrapalhar a brincadeira.

Para espalhar bolhas gigantes pelo ar, eles precisavam construir um instrumento especial, “A Vareta Mágica”. Ensinamos como confeccioná-lo, usando duas varetas e um pedaço de barbante grosso. Quando tudo estava pronto e preparado foi hora de brincar à vontade em uma campo de futebol em frente à escola, onde as crianças da escola rural fazem educação física e outras atividades. Para as crianças do Colégio de Aplicação foi uma grande novidade. As fotos retratam um pouco esses momentos.



A última atividade do dia foi a hora da merenda, as crianças novamente, compartilharam mais um momento de aprendizagem. Almoçaram juntas, a merenda que as crianças da zona rural comem todos os dias. Acharam uma delícia. Nos despedimos com até logo, pois agora era a vez das crianças da Zona Rural conhecer o Colégio de Aplicação João XXIII. Muitas experiências para trabalhar na sala de aula. Muitos momentos de leitura e escrita foram efetivados para ambas as escolas.



O dia 30 de novembro de 2018 os 50 estudantes da Escola Rural Nagib Felix Cury foram visitar as 80 crianças do primeiro ano do Ensino Fundamental do Colégio de Aplicação João XXIII. Quando chegaram, ficaram encantados com o tamanho da escola. Uma criança perguntou: “isso tudo aqui é a escola?” Outra expressou: “vocês não cansam de andar isso tudo?” “Aqui tem muita sala?”. Bem diferente da escola onde estudam. Após essa visita a escola foram participar de uma contação de história eles foram convidados a serem os personagens das histórias, dançaram, cantaram, se fantasiaram e se divertiram. A oralidade foi explorada de forma lúdica e significativa.

Na sequência, todas as crianças participaram de uma oficina de peteca de jornal e papel celofane. Ao término da oficina fizeram um piquenique literário coletivo na quadra do Colégio de Aplicação João XXIII. Além do lanche, tiveram a oportunidade de brincarem juntos com: peteca (construída), perna de pau, bola, bambolê, pião, corda bamba, elástico, corda. Nesse mesmo espaço foi feito o cantinho literário, onde as crianças, que quiserem, pudessem ler e manusear os livros de literatura. Foi um cantinho muito visitado. Nesse espaço estavam disponíveis todos livros trabalhados durante o projeto e vários outros. A identificação foi imediata.

A última atividade foi uma novidade para muitas crianças. Elas fizeram diversas atividades no “Ginasinho”, um espaço com vários equipamentos desportivos, como: parede de escalada, cama elástica, tecidos, barras, trapézios, entre outros. Esse espaço foi fascinante para as crianças da Zona Rural, muitas não conheciam um espaço como esse. As expressões de alegria e fascínio contagiavam. Falas como “esse lugar é maravilhoso”, “é o melhor lugar da escola”, “eu posso vir aqui mais vezes?”, “Os atletas olímpicos treinam aqui?”, “eu vi na televisão um lugar parecido com esse”, “vocês podem buscar a gente mais vezes para vir aqui”. Essas crianças terão muita história para contar, fizeram novos amigos, ampliaram suas possibilidades de conhecimentos, ficaram motivados para ler e escrever. A motivação foi tão intensa que escrevam diversas produções e ficaram com o desejo de escrever um livro. Prometemos no empenhar o máximo para concretizar essa ação.

Ao final nos despedimos e trocamos muitas cartas, bilhetes, vídeos, apresentações, músicas e leituras de livros e mundo. Foram realizadas produções escritas e orais significativas, frutos da experiência vivida por crianças na faixa etária da alfabetização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste intercâmbio literário desenvolvemos práticas pedagógicas considerando a criança como sujeito ativo na aprendizagem e tendo como alicerce a literatura e as práticas

infantis. Corroboramos a ideia do aluno como uma pessoa inteira, com afetividades, percepções, expressões, sentidos, sentimentos, crítico e criativo. Dessa forma, a opção desse trabalho foi por uma participação efetiva das crianças de duas escolas públicas de áreas distintas, uma rural e outra urbana. As trocas e vivências foram elementos chaves nesse processo.

Esse trabalho possibilitou, ainda, a discussão curricular sobre alfabetização na perspectiva de letramento, sobre papel da literatura infantil. As práticas pedagógicas estabelecidas nesse projeto também se relacionaram diretamente com a perspectiva de formação de um profissional da educação, que tem nesses conteúdos aspectos relevantes para sua formação inicial e continuada. Pois os estagiários dos cursos de Pedagogia, Psicologia e Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora, participaram das atividades do intercâmbio literário. Acredita-se que esses estudantes tiveram a oportunidade de agregar à sua formação os conhecimentos da prática que se efetivaram nesse projeto, aliando-a aos conteúdos teórico-práticos trabalhados nas disciplinas do seu curso.

O modelo de interação proposto nesse intercâmbio possibilitou para as crianças envolvidas uma possibilidade a mais de inserção social e se configurou em prática inclusiva, pois foi oferecido a elas opções de alfabetização tendo o letramento como viés condutor e a literatura infantil como suporte básico. O impacto disso no cotidiano dessas crianças por si só, pela aprendizagem que proporcionou, pretende ser um impacto social irrefutável, uma vez que ainda temos que vencer taxas de analfabetismo funcional em nosso país.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter (1984). *Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação*. São Paulo: Summus,
- DAUSTER, Tania(1994) – Nasce um leitor (Da leitura escolar à “leitura” do contexto), in *Leitura e Leitores*, Proler, RJ, págs. 55-77.
- QUEIRÓS, Bartolomeu Campos. *Diário de Classe*. Editora Moderna, 1997.
- KRAMER, S.; LEITE, M. I. F. P. (1198) *Infância e produção cultural*. Campinas, SP: Papyrus, 1998.
- MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti (1994)- Leitura e formação do gosto (por uma pedagogia do desafio do desejo), in **Leitura, escola e sociedade**, série Idéias, 13, FDE, SP, 1994, págs. 101/106.
- PETIT, Michèle. (2009)*A arte de ler (ou como resistir à adversidade)*, Editora 34, São Paulo.